

Ana Carolina Oliveira da Silva

**REVERBERAÇÕES A/R/TOGRÁFICAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

**Juiz de Fora
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
2019**

Ana Carolina Oliveira da Silva

**REVERBERAÇÕES A/R/TOGRÁFICAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Artigo apresentado à Universidade Federal
de Juiz de Fora, como parte das exigências
para a obtenção do título de Especialista
em Ensino de Artes Visuais.**

Orientadora: Olga Maria Botelho Egas

**Juiz de Fora
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
2019**

REVERBERAÇÕES A/R/TOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Carolina Oliveira da Silva

Escola Oga Mitá

carolicya@gmail.com

RESUMO

Este estudo se propõe dar visibilidade aos conceitos da Metodologia Artística de Pesquisa, em especial a A/R/Tografia (IRWIN,2013), assim como, articulá-los com as experiências vividas no contexto da Educação Infantil, em parceria entre crianças e uma professora em processo de formação em Ensino de Artes Visuais, a partir de um processo investigativo sobre as linhas, intitulado “Fios, Tramas e Nós”.

Palavras-chave: Arte, Metodologia Artística de Pesquisa, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca estabelecer um diálogo entre teoria e prática, a partir do processo de formação na Especialização no Ensino de Artes Visuais, cursado pela autora. A busca da formação em Artes se ancora em questionamentos que o contexto da sala de aula na Educação Infantil suscita. Como relacionar os interesses das crianças com experiências artísticas? Qual o papel da Arte na Educação Infantil? Fruição ou mera reprodução? Como fazer, pensar e pesquisar a partir de experiências artísticas? Mais do que responder a perguntas, a intenção deste artigo é pensar sobre a potência da arte e da Metodologia Artística de Pesquisa, no contexto da Educação Infantil, considerando o ponto de vista de uma professora em processo de formação em Arte.

A minha aproximação, com esse campo de estudo, ocorreu pela minha experiência em sala de aula marcada pela cumplicidade com as crianças em seus sonhos e projetos. A intenção, ao buscar a Especialização, foi ter/ser alimento para as experiências escolares, qualificar as proposições cunhadas na Arte e buscar respostas para as questões que me surgiam diante do que era vivenciado intuitivamente, na prática docente.

Sobre a formação de professores de arte, é importante ressaltar a presença desse profissional na história da educação em artes no Brasil.

Na década de 50, as Escolinhas de Arte ministravam cursos para professores que atuavam no 1º grau regular. Em 1960 outros cursos fortaleceram práticas docentes em artes, na figura da precursora Noêmia Varela, com a Escolinha de Artes do Recife. Em 1970 o ensino de artes tornou-se obrigatório nas escolas de 1º e 2º graus, atualmente Educação Fundamental e Ensino Médio, e por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 5.692/71. Concomitantemente essa deliberação, criaram-se cursos de licenciatura curta em Educação Artística e licenciatura plena em Artes Plásticas. Somente em 1980 a Arte passa, então, a ser considerada como uma área do conhecimento, validando a disciplina e garantindo sua presença na escola.

Atualmente vivemos muitos entraves com relação à valorização e ao reconhecimento da importância e do papel da Arte na formação dos profissionais da educação e dos estudantes. Nesse sentido, a escrita desse trabalho é também um movimento de resistência e ato político a favor da manutenção da Arte na Escola. Sendo assim, é necessário sustentar o quanto o território artístico e as experiências estéticas vividas a partir dessa área de conhecimento são modos de afirmar a vida.

A partir dos estudos sobre Metodologia Artística de Pesquisa em Educação, a Especialização em Ensino de Artes Visuais se tornou ainda mais significativa para mim, gerando reverberações tanto em meu repertório, quanto na postura como professora e no cotidiano escolar. Ou seja, o presente artigo busca articular o processo formativo em Ensino de Artes Visuais, para tornar visível a A/R/Tografia - uma entre as diversas perspectivas vinculadas às Metodologias Artísticas de Pesquisa, cujos princípios investigativos têm em comum, que o conhecimento também advém da experiência. Motivo pelo qual, apresento as ressonâncias artográficas em meu cotidiano da Educação Infantil.

A justificativa deste trabalho também se fundamenta na necessidade de que outros profissionais da Educação Infantil se transformem em professores pesquisadores/propositores/artistas dispostos a repensar suas práticas em Artes, tornando-as mais vivas e, incluindo em sua práticas, mais espaço para subjetividades e significados individuais e coletivamente construídos.

Por meio da pesquisa bibliográfica, apresento a seguir as origens da A/R/Tografia, abordagem possível, entre outras apontadas pela Pesquisa Baseada em Arte, para irá compartilhar e iluminar nosso caminho de descobertas.

Através da A/R/Tografia um mesmo sujeito absorve identidades e processos próprios para ser professor, pesquisador e artista na produção/ação de sua pesquisa que também é docência e processo de criação. No Brasil, o referencial sobre A/R/Tografia ainda é reduzido, há poucos artigos em português sobre o tema. Mas, ancorada nos estudos de Elliot Eisner, professor de arte e educação na Universidade de Stanford, EUA, nos anos de 1970 e 1980 e, encantada pelas publicações de DIAS (2009, 2011) e IRWIN (2008, 2013) é que pretendo dar visibilidade aos conceitos e características da A/R/Tografia no transcórrer deste texto, no item

A Educação Infantil, desde 2003, é meu nicho de trabalho e pesquisa. Já lecionei em algumas instituições com abordagens diferentes, mas, há 10 anos atuo, em um espaço contemporâneo, que me permite criar e recriar o cotidiano de forma autônoma, a partir da parceria com colegas, coordenação, famílias e as crianças. Esse contexto, acaba garantindo as condições necessárias para uma pesquisa viva e repleta de significados no cotidiano infantil.

Assim, meu campo de atuação e pesquisa será minha prática como professora da Educação Infantil, na Zona Norte, da cidade do Rio de Janeiro na Escola Oga Mitá. Fundada em 1978, Oga Mitá, recebeu o nome guarani que significa "Casa de Criança" e que expressa o conceito de educação de seus fundadores: cada indivíduo deve ser reconhecido como único em todas as suas dimensões. Há 41 anos a escola mantém seus pressupostos educacionais nas relações entre crianças e jovens, seus familiares e toda a comunidade educativa, pautando-se nos valores de Felicidade, Cooperação, Cidadania, Respeito, Justiça, Transparência, Ousadia, Autonomia, Organização, Afetividade, Democracia, Prazer, Participação.

As investigações artísticas aconteceram com uma turma agrupada, formada por 18 crianças na faixa etária entre 4 e 6 anos. O pátio da escola, a sala do grupo, os espaços que acessamos em passeios externos, em eventos da escola e as experiências com familiares fomentaram todo o percurso.

Reconheço em meu processo de formação que a A/R/Tografia veio de encontro às minhas inquietações sobre perspectivas possíveis para incluir vivências artísticas significativas na primeira infância. Na tentativa de encontrar interlocutores, desde 2012 realizo estudos e formações com foco arte e educação.

A formação em Arte Educação com o artista Hélio Rodrigues, foi muito importante para minha trajetória. Desde os anos 70, ele apresenta a arte para crianças e adultos, seja em

seu Ateliê ou em cursos de Formação em arte-educação (FORMAE), porque defende que só existe qualidade na educação com a presença da arte e por ser ela um importante contraponto frente ao cotidiano concreto e superficial dos nossos dias. Helio atua em prol desta causa em projetos sociais (SOU EU) e consultorias em escolas, empresas e instituições culturais. A experiência em seu atelier foi muito significativa.

Em São Paulo passei por escolas que se inspiram nas proposições artísticas italianas, como Jardim dos Pequenitos, Carandá Viva, Escola Viva e Stagium. E ainda, para conhecer mais sobre diferentes possibilidades educativas, fiz imersão em Grupos de Estudos sobre a abordagem de Reggio Emilia. Nessa abordagem, oriunda de estudos do fundador Loris Malaguzzi, a arte é utilizada como um canal de fruição, como experiência estética. O procedimento, as etapas e tudo que antecede o produto final é o que mais importa. A valorização do ato criativo, do fazer artístico processual, individual e coletivo, está atrelado a conceitos, conteúdos, linguagens, textos e histórias. Para Carla Rinaldi, “a criatividade não é somente a qualidade do pensamento de cada indivíduo, é também um projeto interativo, relacional e social. (2012, p.216). O que encontramos em Reggio Emilia são espaços da Infância que foram pensados estrategicamente para atender crianças. Trata-se de ambientes previamente pensados e estruturados por professores, atelieristas e até designs. É um padrão que nos faz repensar acerca dos espaços destinados a crianças da Educação Infantil e de que forma estamos atendendo ou não ao direito das crianças de acessarem espaços de qualidade, que favoreçam e qualifiquem suas aprendizagens. Em uma visita aos espaços de Reggio Emilia, Rinaldi (2012) constatou: “Era possível senti-las vibrando de tanta vida e, embora se pudesse reconhecer nelas o pensamento de Montessori, Freinet e Dewey, era nítido que a linguagem do ambiente espacial ia muito além disso, graças à preocupação nas artes visuais e a arquitetura.” Sendo assim, os espaços em Reggio Emilia podem ser considerados como terceiro educador, pois a relação entre espaço de qualidade e aprendizagem de qualidade é nítida nessa abordagem.

No Rio de Janeiro tive a oportunidade de viver experiências no setor educativo da extinta Casa Daros, que pertencia a Daros Latinamerica, uma das mais abrangentes coleções dedicadas à arte contemporânea latino-americana, com sede em Zurique, Suíça. Mas aqui, ocupou um casarão neoclássico do século XIX, com mais de 12 mil metros quadrados, preservado pelo Patrimônio da cidade do Rio de Janeiro, em Botafogo. A instituição cultural dedicado à arte, educação e comunicação, abriu suas portas ao público em março de 2013 e encerrou suas atividades em dezembro de 2015.

Apresentando exposições do acervo da coleção, também teve forte foco em arte e educação – com diversas atividades para o público. Ofereceu, ainda, uma agenda de seminários e encontros com artistas no auditório, além de uma biblioteca especializada em arte latino-americana contemporânea, o Espaço de Documentação, o Espaço de Leitura com catálogos de exposições da coleção, restaurante/café e loja.

Imersa nesse trajeto artístico e cultural, passei a planejar um cotidiano escolar que contemplasse a arte, para além das técnicas e da valorização apenas do produto final. Minha prioridade era experienciar com as crianças múltiplas linguagens e oportunizar e desenvolver suas potencialidades artísticas através de vivências estéticas e sensíveis, mobilizando ainda mais sua imaginação e a fantasia.

Instintivamente busquei ampliar meu repertório e percebi o quanto essas experiências alimentavam os meus encontros com a arte. Consequentemente, nutriam os encontros das crianças com a arte, possibilitando, assim, voos “mais altos”. Por isso, continuei investindo tempo em leituras e cursos.

No final de 2017, tomei conhecimento da Especialização em Ensino de Artes, EAD, pela UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora. Mesmo sem ter noção do que seria esse universo de estudar artes visuais à distância, encarei cada período e módulos, imersa em surpresas, desafios e até mesmo desconfianças. Arelada à memória de uma sala de aula cheia, com professor lá na frente e os colegas bem perto, muitas vezes a solidão se instaurou entre o computador e eu, dificultando minha participação em alguns momentos. Entretanto, ao ler cada introdução das disciplinas, embebidas de significado, intencionalidade, compromisso dos professores, resolvi me abrir para o novo e aos poucos fui me adaptando à metodologia EAD. Dessa especialização carrego a marca do encontro com a disciplina Metodologia Artística de Pesquisa, em especial o encontro com a A/R/Tografia.

O encontro com essa metodologia de investigação artística me fez repensar sobre as minhas escolhas e encaminhamentos pedagógicos. Permitiu ampliar a cabeça e fazer mais perguntas sobre o que estava posto. Não foi um encontro perturbador, pois não quis me desfazer ou jogar tudo fora e começar do zero. Ao contrário, o encontro possibilitou a construção de pontes para qualificar o fazer artístico e pedagógico que já existia em meu contexto escolar, construído ao longo dos últimos anos. Fui me apropriando da identidade a/r/tógrafa, reinventei percursos, propus investigações e consegui dar visibilidade a processos que nem eu, nem as crianças, tínhamos noção da proporção

tomaria, nem das aprendizagens possíveis. Como uma professora a/r/tógrafa aproveitei as brechas para colaborar com alguns colegas e, juntos alinhavamos trocas significativas.

A interdisciplinaridade contida nas entrelinhas da A/R/Tografia propõe relações, articulações, diálogo. Construir pontes nesse tempo/espço e ser na perspectiva de tornar-se, junto e, no encontro com o outro, sejam ele estudantes ou parceiros de trabalho, é o que dá sentido e significado à A/R/Tografia, mas sobretudo ao meu processo de formação.

A partir da formação em Ensino de Artes Visuais, percebi que a mediação artística se dá de modo cíclico, complementar e através de um olhar rizomático, que não categorize demais, enquadre demais, mas permita contextualização, experimentação, gestos, criação, metáforas. Um olhar a/r/tográfico que dá forma e possibilita fruição a partir dos atravessamentos, sentidos e afetos que o processo investigativo causa. É um percurso coletivo, junto com outros e muitos.

AFINAL, O QUE É A/R/TOGRAFIA?

A A/R/Tografia é um processo investigativo prático, intrínseco às artes e à educação. É uma metodologia de pesquisa, uma forma de investigação que abarca procedimentos do artista, do educador e do pesquisador. O termo parte do acrônimo A/R/T, sendo 'A' de *artist*, 'R' de *researcher* e 'T' de *teacher* (em língua portuguesa, respectivamente, artista, investigador e professor). Já o termo, *graphy*, na sua etimologia grega (γράφειν = graphein), significa 'escrever, representar graficamente'.

Sobre as referências conceituais, Belidson Dias, professor na Universidade de Brasília, UnB, nos conta que:

A A/R/Tografia é uma forma de ABER - arts-based educational research - que foi originada por Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos 1970s e 80s. Ele buscava a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas. O Referencial teórico da a/r/tografia está na fenomenologia, no estruturalismo e no pós-estruturalismo de Ted Aoki, William Pinar, Madeleine Grumet, Patrick Slattery, Van Manem, Elliot Eisner, Michel Foucault, Jean-Claude Nancy, Gilles Deleuze, Merleau-Ponty, Felix Gatarri, Jacques Derrida, Judith Butler, Julia Kristeva e Joe Kincheloe. (DIAS, 2010, p.06)

Segundo DIAS, a A/R/Tografia se estrutura a partir da PEBA - Pesquisa Educacional Baseada em Artes - e, se desloca das propostas que buscam aferir conhecimentos e

antecipar o futuro. Ou seja, se ancora na incerteza e no contraditório, atenta para os encontros e eventos entre os envolvidos no processo, visando melhorias na política e na prática educacional. A PBA - Pesquisa Baseada em Artes, coaduna em alguns aspectos apontados na PEBA, mas não sugere motes educacionais. Já a PBP - Pesquisa Baseada na Prática, foca nas intenções e propósitos, na compreensão das experiências durante os processos investigativos. Esses modos de pesquisa, de acordo com BARONE e EISNER (2006, p.95) “são uma forma de investigação que aumenta a nossa compreensão das atividades humanas através dos meios artísticos.”

A professora Rita Irwin, da Faculdade de Educação, na *University of British Columbia* (UBC) em Vancouver, Canadá, é outra pesquisadora pioneira e referência em A/R/Tografia. Ela ampara a potencialidade de entrecruzar as seguintes condições: artista, pesquisador e professor, considerando que as dimensões estão imbricadas. Afirma que a A/R/Tografia se entrelaça com a vida e se desenvolve no agora. Sendo passado, presente e futuro simultaneamente. Assim, a A/R/Tografia se articula com a pesquisa-ação. Nesta abordagem, segundo IRWIN (2013), a participação ativa e a interferência nas propostas vividas com o grupo pesquisado é feita pelo pesquisador que também se coloca como estudante e pesquisado. Ambas, concebidas como práticas vivas, priorizam os itinerários ao longo do processo e o ato criativo.

A pesquisa baseada nas artes, a partir de relatos nos quais os docentes contam suas experiências e as de seus estudantes, pode permitir a nós e a eles compreendermos aquilo que o raciocínio lógico formal deixa à margem: a experiência humana em suas ações e intenções. Ao contrário dos fatos anunciados, as proposições abstratas da especulação empírica, a narrativa se aproxima da dimensão emotiva, complexa da experiência. Permite-nos, como afirma Bolívar (1998), captar a riqueza dos significados dos assuntos humanos: os desejos, sentimentos, as crenças, os valores que compartilhamos e negociamos na comunidade de aprendizagem onde nos construímos como sujeitos. Desse modo, os relatos sobre a experiência a partir das propostas da pesquisa baseada nas artes podem vir a ser um mediador crítico para nos ajudar a elaborar um novo olhar aos docentes como agentes ativos em um complexo contexto social. (UFG, 2011, apud OLIVEIRA, 2013, p.8)

Assim nos aproximamos do entrelugar que ocupam as atribuições de um a/r/tógrafo. Esses se concentram em qualificar suas práticas, a partir de encontros e desencontros, aproximações e distanciamentos. Buscam compreender a prática a partir da troca de papéis que possibilitam olhar de pontos distintos. A/r/tógrafos se alimentam de repertórios diversos e híbridos, usam suas práticas para influenciar outras práticas e, assim, surgem

outras maiores perguntas e reverberações. A/r/tógrafos preferem pensar sobre as práticas de artistas e educadores como ocasiões para produção de conhecimento. Segundo Rita Irwin a A/R/Tografia fomenta práticas contemporâneas de pesquisa e não apenas coletar e dados e pensar em produtos artísticos.

É essencial a/r/tógrafos estarem familiarizados com o trabalho de artistas e educadores contemporâneos e ponderarem sobre como essas práticas podem influenciar suas percepções, os seus meios de realizar investigações e seus modos de produzir conhecimento. Ou seja, o trabalho dos a/r/tógrafos é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. (2008, p.92)

Nesse sentido, a/r/tógrafos repensam as ocorrências do processo e se inclinam para o que ainda está por vir, concebem que as ideias evoluem de modo espiral, interpelam convicções e se implicam eticamente com os envolvidos no processo investigativo. Têm compromisso com suas proposições artísticas e educacionais, pois é a partir da observação e análise destas, que ele cria novas formas de produzir conhecimento.

A/R/Tografia sugere relações e entrelaces. Entre pesquisador e pesquisado, artista-pesquisador-professor, dados, documentações, processos e procedimentos artísticos, textos e registros diversos. Tudo e todos se constituem no processo investigativo. Esse vasto conjunto de informações e produção de conhecimento, que se unem sem uma hierarquia ou pré definição de ordem ou importância prévia, pode parecer confuso, mas, é exatamente nessa conexão aparentemente desordenada, que se ancora a a/r/tografia como uma linguagem mestiça. IRWIN afirma que:

Mestiçagem é um ato de interdisciplinaridade. Ele hifeniza, cria pontes, barras, e outras formas de terceiridade que oferecem espaço para exploração, tradução e compreensão de maneiras mais profundas e enfatizadas de produzir significados. (2008, p.92).

A A/R/Tografia tem natureza rizomática, é uma metodologia de pesquisa pautada nas conexões. Tradicionalmente os caminhos investigativos preferidos são os de linha reta. A linearidade geralmente é vista como vantajosa, rápida e mais eficiente em pesquisas acadêmicas. Mas a essência da A/R/Tografia está nas curvas, no movimento de ir e vir, no caminho tortuoso. O que interessa aos a/r/tógrafos é a metáfora do labirinto com suas intersecções, brechas e caminhos aparentemente sem saída. É o contexto do entre-lugar, com sua complexidade e peculiaridade, que dá sentido às leituras, releituras e interpretações. Assim se justifica a metáfora rizomática da A/R/Tografia, nos mergulhos artísticos híbridos e nas ligações inerentes dessas atividades relacionais, ou seja, todo está conectado e pensar do modo a/r/tográfico é pensar de modo rizomático. A/r/tógrafos

ocupam lugares flexíveis e provisórios, se envolvem artística e educacionalmente com os processos investigativos e assim criam passagens para os significados inéditos. DIAS nos explica que:

Na A/R/Tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem das fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O a/r/tógrafo, o praticante da A/R/Tografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. Não está interessado em identidade, só em papéis temporais. Vive num mundo de intervalos tempo/espço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação. DIAS (2010. p.07)

A/r/tógrafos vivem as experiências propostas, buscam representar de alguma forma seu entendimento, executam práticas pedagógicas e articulam teoria, prática e ato criativo. É a partir das experiências estéticas vividas que produzem sentido. Sustentada pelo questionamento a A/R/Tografia afirma que este se dá por meio da própria Arte, que rompe com expectativas e modelos, gera incômodos, afeta, produz não lugares e entre-lugares, provoca colisões a fim de suscitar outros tantos significados. Essa ambiência nos atravessa de formas distintas, habitar esse contexto, requer acessar ou não a bagagem que temos. Esse é um convite a pensarmos sobre nossas subjetividades e no quanto elas impactam as investigações e proposições cotidianas. Rita Irwin elucida um pouco mais esse ponto quando diz:

A/R/Tografia ocupa um espaço intelectual e imaginativo para a investigação. Com o advento da tecnologia no nosso cotidiano e sua ênfase no visual e sensorial surge uma oportunidade para arte/educadores abraçarem suas práticas e compartilharem suas pesquisas com suas comunidades. Ao fazê-lo, a A/R/Tografia ajuda a preencher um vazio pedagógico nas comunidades locais e um vazio criativo em escolas ou outros ambientes de aprendizagem. Tratada como uma intenção acadêmica, a A/R/Tografia expande o horizonte de possibilidades para artistas e educadores interessados na Pesquisa Viva. (2013, p.34)

Agora busco tornar visível a relacionalidade entre a A/R/Tografia e a pesquisa viva. Apresento um enquadramento conceitual, fundamentado em IRWIN (2013), que podem nos ajudar a interpretar e analisar processos artísticos. São seis:

1- Contiguidade: articulação mais intimista e/ou mais expansiva com as identidades múltiplas do a/r/tógrafo, arte e grafia, teoria e prática.

2- Pesquisa viva: relação entre ser e torna-se no mundo

3- Aberturas: é a provocação de se deslocar do que é comum e desconfiar do que parece familiar, para assim, ver além do que está posto.

4- Metáfora e metonímia: é a maneira como a/r/tógrafos dão visibilidades aos sentimentos e sensações que nos atravessam.

5- Reverberações: são as possíveis releituras, que geram novas leituras, a partir de trocas, confronto de ideias, maiores perguntas e conectividades.

6- Excesso: contexto vasto de possibilidades, nos convida a valorizar os rejeitos, os despropósitos, o que parece impossível de nomear

Cada conceito supracitado pode interferir uns nos outros. Eles estão interligados e suscitam movimentos, ou seja, não cabem fronteiras, mas integrações teóricas, práticas e criativas. Considerando essa integralidade teórica, prática e criativa, assim como a identidade a/r/tográfica assumida nesse processo formativo em Ensino de Artes Visuais e de elaboração deste texto, vamos nos aproximar do campo onde aconteceram as reverberações inspiradas no encontro com os conceitos a/r/tográficos e na intenção de assumir-se a/r/tógrafa.

FAZ LINHA SIM! EU VI! VOCÊ NÃO VIU!

O projeto foi, inerentemente, uma atividade relacional que buscava estéticas pedagógicas e investigações relacionais, e constituiu as condições para a pesquisa viva. Rita Irwin (2013, p.32)

Sobre o projeto que vivemos, é importante dizer que os sujeitos foram 18 crianças, na faixa etária entre 4 e 6 anos em uma escola particular, que atende pessoas de classe média a alta.

A apropriação do conceito de A/R/Tografia e a/r/tógrafo, tem como base a Especialização em Ensino de Artes Visuais, as leituras feitas até aqui, minha imersão na escola e, certamente, por eu fazer da minha prática pedagógica um campo de pesquisa, com postura aberta ao novo e reflexiva.

Nesse sentido, sigo me constituindo como pesquisadora-artista-professora, reconhecendo em mim exercício ativo de pensar/fazer minha prática. Levando em conta a minha escuta atenta dos interesses das crianças, identifiquei um possível recorte para a

pesquisa que relato neste trabalho. De minha parte, convivo agora com a incerteza sobre minha proposição docente: está correta? Contempla todos os conceitos a/r/tógrafo? Sem respostas, reconheço apenas minha disponibilidade e o desejo de me constituir a/r/tógrafa, em parceria com meus alunos.

Para contextualizar, costumo planejar as vivências da turma em consonância com os interesses apresentados por eles ou ainda, por provocações intencionais, pensadas por mim, para dar conta de aspectos observados no cotidiano escolar. No dia a dia fico atenta ao que as crianças fazem, falam, brincam, investigam e trazem como provocação. E até mesmo o convite para alterar rumos, rever conceitos e formas de prosseguir com o trabalho. Meu olhar investigativo busca perceber quais são suas escolhas e onde permanecem por mais tempo, o que preferem, quais são os interesses. E foi na dinâmica desse movimento, espiral, em constante ir e vir, ouvir e ver e, assim, dar visibilidade ao que as crianças narram, que surgiu o projeto “Fios, Tramas e Nós”.

Um grupo de crianças brincava em nossa sala, espontaneamente, se juntaram no canto que chamamos de *casinha*, espaço composto por mobiliário e outros objetos que contribuem com o imaginário e a fantasia. Ao me aproximar deles uma conversa já estava em andamento e pude perceber que uma das crianças estava com uma blusa desfiando. Esse primeiro episódio, um diálogo entre as crianças e seus pares, me fez acreditar na potência de explorar as “Linhas” como materialidade estruturante para um projeto a/r/tográfico.

MC: Pára! Não puxa! Vai rasgar!

OR: Não é rasgar, vai descosturar mais.

MC: A linha está saindo, minha blusa vai abrir.

OR: É só pedir para sua mãe costurar.

JJ: Essa linha é de pano, ela é mole.

MC: Eu nunca vi uma linha dura!

JJ: Tem sim, olha aqui no chão, essa não sai nem do lugar e fica reta o tempo todo. (Se referindo as linhas ocasionadas pelo rejunte do piso)

OR: Eu já vi uma linha de fumaça lá no céu, foi na hora que o avião passou.

JG: Fumaça não é linha!!! (risos)

OR: Faz linha sim! Eu vi! Você não viu!

O segundo episódio, que nos aproximou ainda mais das linhas, partiu da exploração da régua e o que podemos fazer com ela na perspectiva de investigação das linhas. De

posse de uma régua de 30 cm e lápis grafite e, sem nenhuma informação prévia do que deveria ser feito, as crianças criaram desenhos, mediram tudo que viam pela frente, incluindo seus pés e outras partes do corpo. Assim, durante a experiência, uma das crianças elaborou a seguinte definição: “a régua é um negócio cheio de pontinhos para marcar medida”. Nesse sentido, a régua também foi propulsora de vivências cotidianas permeadas por descobertas que contribuíram para ampliar nossos olhares sobre as linhas e suas múltiplas formas de se fazer presente nos contextos que acessamos.



Réguas e lápis grafite. 2018. Fonte: acervo pessoal.

Os episódios trouxeram à tona o interesse sobre as “Linhas” e o quanto já sabiam sobre elas. Enquanto dialogavam e brincavam com as réguas, ideias, percepções e conceitos eram expressos.

A escuta desses episódios me mobilizou tanto quanto um clarão de luz se abrindo em minha frente! Imediatamente, identifiquei nessas cenas os conceitos de Rita Irwin sobre o pesquisador-artista-professor e sobre a A/R/Tografia. Nesse momento, visualizei como articular minhas ações propositoras às possíveis reverberações a/r/tográficas.

Contagiada, propus às crianças uma roda de conversa, com a intenção de narrar o quanto o diálogo delas era potente. E, também, afirmar o quanto me interessei pelos saberes que traziam.

Deste modo, sentados na roda, até os alunos que não participaram inicialmente do diálogo foram envolvidos e convidados a participar da conversa, a intenção foi envolver todos no processo. As crianças expuseram suas ideias sobre possíveis desdobramentos e compartilharam os conhecimentos que já possuíam sobre as linhas, fato que marcou o início de uma pesquisa viva, inspirada nas pistas dadas pelas narrativas da infância e na A/R/Tografia.



Roda de conversa, alinhavando o percurso. 2018. Fonte: acervo pessoal.

Na conversa colocamos no centro a possibilidade de pesquisar as linhas. Surgiram muitas ideias, entre elas:

- Vamos procurar as linhas da escola? Será que tem linha escondida?

Proposta dos alunos: Explorar o espaço escolar para identificar linhas (formas, tipos, tamanhos)

Observação: as crianças perguntam e ao mesmo tempo dão um tom de mistério para a pesquisa.

- A gente pode desenhar só linhas, muitas linhas!

Pergunta: Com quais materiais vocês pensam criar essas linhas?

Proposta dos alunos: elaborar uma listagem de materiais: giz, lápis, aquarela, guache, cola, glitter...

Observação: todos os materiais disponíveis na sala entraram na lista. Uma das crianças sinalizou que sua avó era costureira e iria solicitar a ela linhas coloridas, “para a gente costurar”.

- Vamos tirar fotos de todas as linhas aqui da escola?

Pergunta: Como faremos isso?

Proposta dos alunos: “Carol, é só você emprestar seu celular, depois a gente devolve.”

Observação: Enquanto propõem, as crianças também pensam em como realizar, articulam-se com o que sabem e têm disponível e sonham alto sem a menor preocupação.

Diante de tamanha disponibilidade da turma, elencamos juntos as possibilidades/funções/habilidades que conferimos às linhas, em caso de tê-las em nossas mãos. As crianças observaram que a linha pode: prender, soltar, amarrar, dar nó, desfiar, enrolar, pendurar, puxar, passar por cima e por baixo e, se for linha de elástico, dá para esticar.

Usar materiais e materialidades que dialoguem com as linhas era uma exigência cunhada por mim para este projeto. Uma das marcas da Educação Infantil são as possibilidades de aprendizagens palpáveis, que nos tocam. A dimensão corporal nessa etapa da vida escolar é muito importante e não poderia ficar de fora do projeto. Assim, iniciei uma coletânea de linhas em suas diversas versões: cordas, elástico, fios de telefone, barbantes, linhas, fitilhos, tramas de juta e tela, produzi placas gigantes de alinhavo. Agregamos os objetos da escola como varal, tecidos listrados, entre outros. Passamos a vivenciar as linhas, corporalmente, para que além de passar por nós ela nos tocasse para sentirmos suas nuances, texturas, espessuras. O tato em contato com um corpo brincante e sensível, sentindo e se relacionando com essa materialidade que muitas vezes nos passou, transpassou, despercebida.

Mas o que as crianças sabem sobre as linhas? Por onde elas estão? Como cada um percebe a linha no mundo? Foi importante ouvir um pouco mais as crianças para darmos continuidade ao projeto a/r/tográfico. Como professora-pesquisadora, registrei narrativas infantis, sobre o que já sabiam sobre as linhas:

“Tem linhas que são retas.”

“Carol, tem linha no seu brinco. É uma linha bem enroladinha.”

“As linhas podem ser cacheadas.”

“As linhas também podem se mexer.”

“As letras também parecem linhas.”

“São retas, curvas, parecem cobra, estão em nossos desenhos, podem ser grandes ou pequenas.”

“As linhas podem decorar algumas coisas.”

“Somos feitos de linha por dentro e por fora”

“As linhas estão nas janelas e portas”

“As linhas podem ser de madeira, ferro, pedra, nuvem, terra”

“A gente pode inventar linhas”

“A roda é uma linha de gente e a fila também”

“Linha é fio! Linha embola!”

“Existem linhas retas, curvas, tem linha reta que vira também!”

Alguns depoimentos são reveladores da curiosidade e da potência inventiva das crianças, como por exemplo:

“Algumas linhas ficam no chão e outras no cabelo. Têm linhas pretas e brancas. As pretas são de cabelo e as brancas são de fio dental. Os cabelinhos dos olhos são linhas. Eu vejo linhas quadradas no chão, nas fotos e nos papéis. Eu aprendi que algumas linhas saem da pontinha do lápis.”

“Tem linhas que são curvas e retas. Eu sei que tem linha no quadrado, no retângulo e no círculo. Eu percebi que nas frutas também têm linhas. Quando eu viajei para Teresópolis, eu percebi que tinham linhas no chão e no meu travesseiro. No chão elas eram quadradas e no travesseiro era tipo retângulo.”

“Em algumas placas tem linhas. As linhas podem separar os pedacinhos de chocolate.”

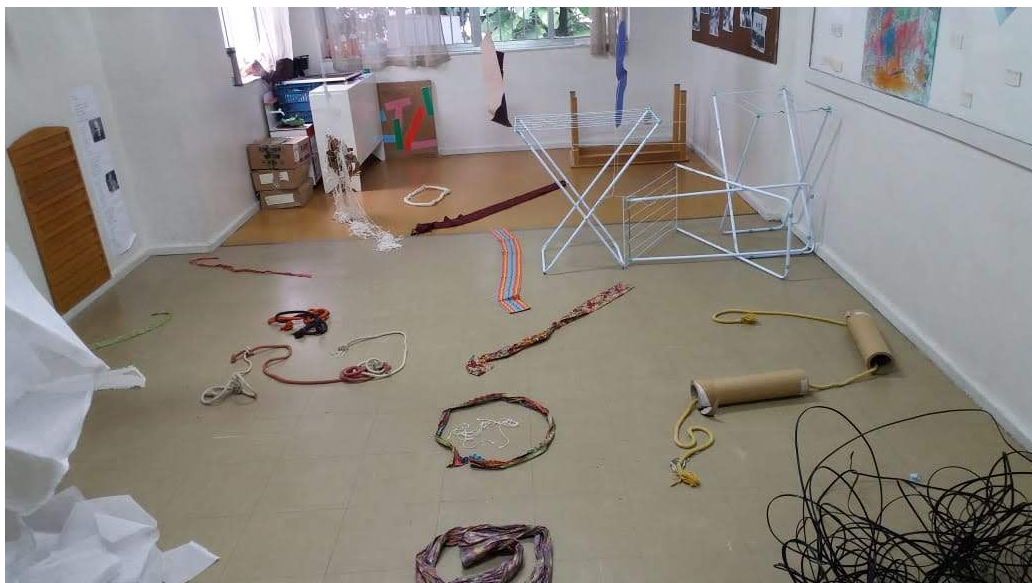
A seguir, compartilho algumas proposições a/r/tográficas do projeto “Fios, Tramas e Nós”, que deram visibilidade aos interesses apresentados pelas crianças. Para demarcar o percurso até aqui e enfatizar o quão caro tem sido este processo, faço minhas as palavras de Jorge Larrosa no texto Notas sobre a experiência.

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para

pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2014, p.25).

O filósofo Jorge Larrosa, no texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, publicado em 2002, nos convida a refletir sobre o que nos atravessa e afeta, a ponto de mover sentidos e significados a ponto de promover mudanças em nossa essência. Diante do excesso de informações que temos ao longo de um dia, não necessariamente essas informações se configuram experiência. A provocação de Larrosa é pensar sobre a experiência como algo conectivo, relacional, que tenha significância, contexto que qualifica a experiência como travessia singular e, assim, se inclina para as proposições a/r/tográficas.

Ao longo das experiências materiais diversos estavam disponíveis para exploração e elaboração de composições e colagens, como por exemplo: linhas diversas, barbantes, fitilhos e fitas de diferentes tamanhos, cores e espessuras. A intenção foi possibilitar inúmeras experiências, visto que cada um é um e se interessa por materiais diferentes. A seguir, construo uma narrativa visual dessas experiências.



Contexto investigativo - corpo, tempo, espaço, experimentações e alinhavos.

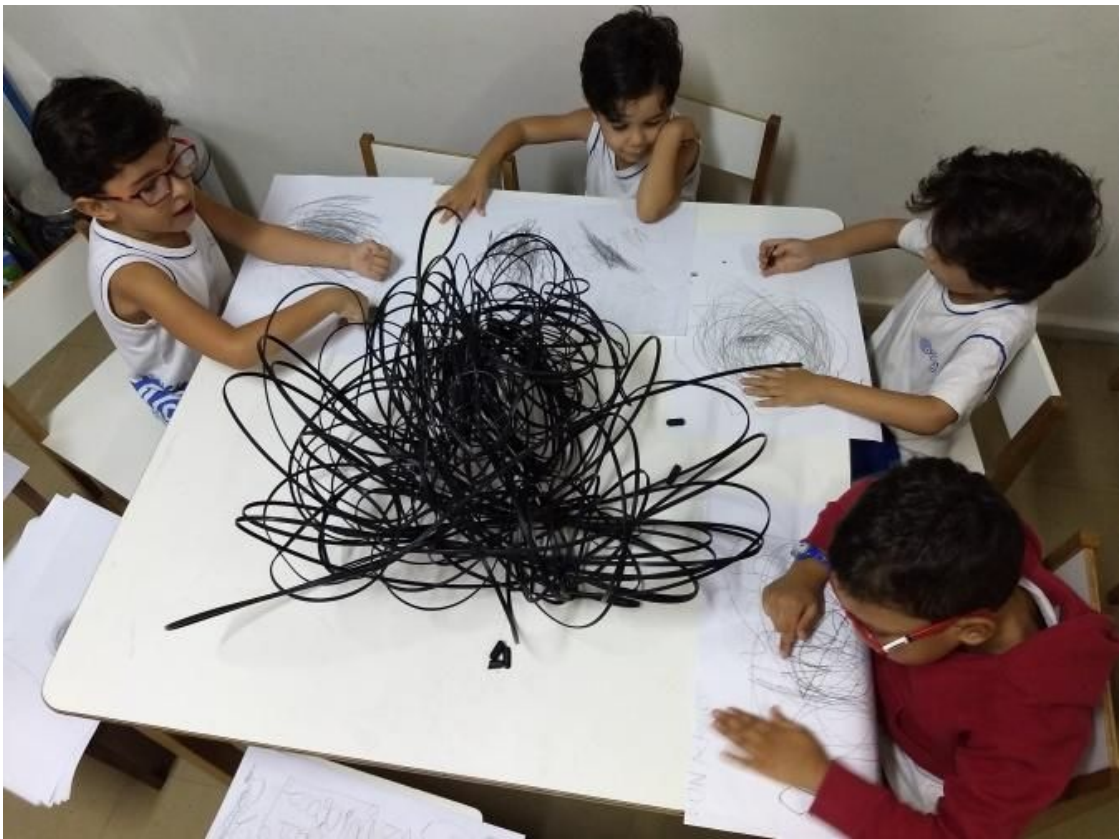
2018. Fonte: acervo pessoal.



Olhar os alunos: a linha interessante. 2018. Fonte: acervo pessoal.



Poética das linhas. Rio de Janeiro. 2018. Fonte: acervo pessoal.



Garatujando. Rio de Janeiro. 2018. Fonte: acervo pessoal.

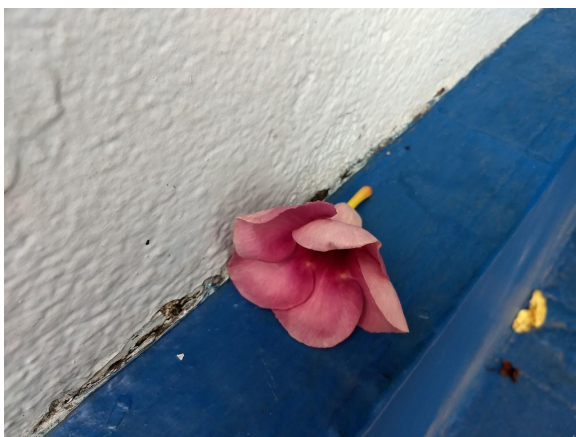
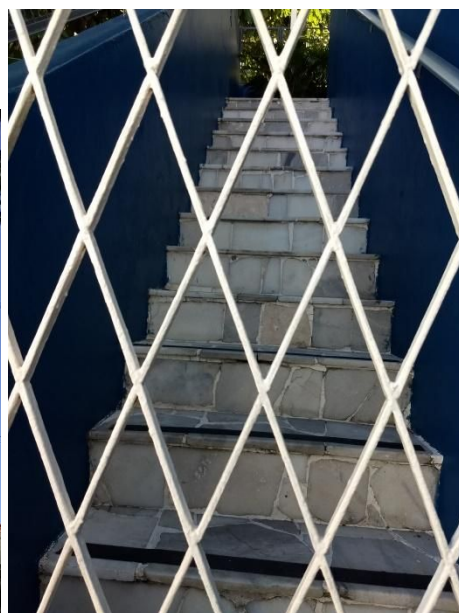


Foto-Grafias: As linhas da escola pelo olhar da infância. 2018. Fonte: acervo pessoal.



Olhar as crianças: ponto a ponto. 2018. Fonte: acervo pessoal.

Como a brincadeira é um eixo fundamental na Educação Infantil, também brincamos de pique linha, pulamos corda e cobrinha no espaço externo da escola. Essa pesquisa invadiu o espaço da aula e proporcionou atravessamentos entre saberes, muitas descobertas e aprendizagens estéticas. A arte e suas inúmeras possibilidades nos permitiu experiências coletivas incríveis.

Reconheço como docente que as experiências vivenciadas e o repertório construído sobre a arte e sua materialidade até o momento, poderão nos impulsionar para voos mais

altos e densos em breve. Planejamos conhecer o trabalho de artistas e articular seus processos artísticos com o que já temos internalizado, no sentido de buscar outras articulações, para maiores perguntas e outras tantas reverberações.

E como as crianças vivenciaram suas pesquisas? O que as crianças têm a dizer sobre a experiência a partir das linhas?

“Tudo na vida tem linha. Até na água que cai retinha.”

“A água que vai pelos canos parece linhas quando vão andando e fazendo círculos.”

“Meu tênis tem linha e eu também vi linha no teto da escola e no papelão.”

“Eu descobri a linha do chão e o barbante que está preso no papelão.”

“Eu descobri uma linha lá na sala do corpo. Ela era tipo uma letra “i” e a pontinha no número 1. É que em todas as letras e em todos os números têm linha.”

“As linhas formam outras linhas diferentes. A gente pode fazer com a mão modelando.”

“O segurador do pára-raios parece uma linha comprida. Minha mãe que me disse isso!”

“Eu descobri que os machucados sempre têm linhas em volta deles. Em volta dos trabalhos sempre tem linhas. E também têm linhas nas mochilas na parte que puxa. Até no meu relógio tem!”

Tem de linhas, colar de linhas, pulseira de linhas. Com a massinha dá para fazer e ver linhas tipo uma minhoca. Eu aprendi que elas ficam retas e podem ficar em círculo tipo argolas de linhas. Pegando papel eu posso fazer algumas linhas com canetinhas, tinta, lápis de cor e giz de cera.”

“Eu gostei muito de aprender a mexer no arame e fazer a forma de linha que eu queria para colocar na argila. Eu gostei muito de fazer tudo com as linhas, mas deu trabalho para fazer a forma do arame.”

“O projeto das linhas foi legal para a gente. A gente ficou um tempão pesquisando. Aquelas fotos que tiramos das linhas da escola foi muito legal e

fazer as linhas na nossa foto também. Usar o arame foi legal, mas foi difícil. Não foi como eu imaginava que era, mas quando ficou pronto eu gostei.”

“Eu descobri que até as tampas das canetinhas têm linhas. Os lápis também têm pontas que ajudam a fazer linhas. Os móveis da casinha têm várias pontas e linhas. O papel tem linhas retas e as cadeiras também.”

“As linhas dão curvas. Às vezes elas mostram o caminho certo. As linhas podem ser grossas ou finas e dá para costurar com elas.

“Eu descobri que as linhas aparecem em qualquer lugar... na tirolesa, na casa sem pregos de onde eu viajei, no corrimão que segura a escada, no computador tem também e no meu cabelo e dos amigos.”

Diante de tudo que foi vivido, reconhecemos as linhas e suas inúmeras possibilidades como material artístico, estético, ético, completamente deslocado de um código dominante, que salienta a *fazção* em detrimento das vivências significativas. Sendo assim, planejamos momentos diversos de explorações em que as crianças puderam perceber que elas podem tramar, fiar, tecer, do micro ao macro. Com as mãos e de corpo inteiro e, através de um diálogo, eles teceram a vida!

Nessa perspectiva, me senti convidada a escrever de modo poético, sobre o projeto “Fios, tramas e nós”:

Linhas curvas
Linhas retas
Grossas, finas, tipo fio da meada
Curvilíneas, zigue zague, tipo caminho... estrada
Linhas do pensamento
Linhas do firmamento
Imaginárias, pontilhadas, tipo renda
Delicadas, boleadas, tipo fazenda
Linhas espirais
Linhas quebradas
Horizontal, Vertical, tipo infinito
Sinuosa, Inclinada, tipo mar revolto
Linhas ondulada
Linhas trançadas
Por toda parte linhas.
Nas tessituras das relações.
Na arte.
Na alma.
Nos corações.

Inspirados nas linhas, pintamos, desenhamos, fotografamos, tecemos, alinhavamos e moldamos. Criamos nosso acervo. E, assim, valorizamos as linhas e suas infinitudes, formatos e espessuras, tamanhos e materialidades. Juntos, enxergamos as linhas em tudo! Da janela, no trajeto casa escola, no corpo, em diversos espaços da escola entre outros. Descobrimos que a vida é um fio! É uma linha em constante movimento, é espiral!

CONCLUSÃO

Este percurso investigativo e artístico comprovou que articular vida e arte é fundamental! Assim, como garantir tempo para ouvir e observar as crianças agrega novas possibilidades para as pesquisas e práticas artísticas no cotidiano da Educação Infantil.

Acredito que ao tornar visível o que pulsa nas crianças e suas subjetividades, viver corporalmente conceitos e conjecturas, seja uma aproximação no conceito/espírito de um a/r/tógrafo. Acredito que essas ações e experiências, são formas de empreender articulações e reverberações ou ainda, como diria Manoel de Barros, “escovar” os conceitos artográficos propostos por Rita Irwin.

Finalizo esse trabalho consciente de que ainda tenho um longo caminho de estudos para amadurecer e qualificar gradativamente meu fazer docente e as práticas artísticas na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniele de Sá. **A/R/Tografia Uma metodologia de pesquisa educacional baseada em Arte na busca pela formação do artista-pesquisador-professor: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Daniele de Sá Alves.** – 2013. 33 f. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A9LEW7>

_____. **A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução.** In IRWIN, Rita. DIAS, Belidson (Org.). Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

BARONE, Tom y EISNER, Elliot. **“Arts-Based Educational Research”.** In GREEN, Judith; CAMILLE, Gregory; BELMORE, Patricia. **Handbook of Complementary Methods in Educational Research.** (pp. 95-109). Mahwah, New Jersey, AERA, 2006.

DAROS. Artigo eletrônico. Disponível em http://www.rioecultura.com.br/instituicao/instituicao.asp?local_cod=196 acesso em 26/05/19

DAROS Latino americana <https://www.daros-latinamerica.net/> acesso em 27/05/19.

DIAS, Belidson. **“Uma epistemologia de fronteiras: minha tese de doutorado como um projeto a/r/tográfico”**. Anais 18º anpap. Salvador, Bahia, 2009. pp. 3173-3187.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica**. In BARBOSA, A.M.AMARAL, L.(orgs). Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo: SENAC SP; SESC SP, 2008.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Contribuições da perspectiva metodológica ‘investigação baseada nas artes’ e da a/r/tografia para as pesquisas em educação**. In: 36ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2013, Goiânia. Anais eletrônicos. Goiânia: ANPEd, 2013. Disponível em http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_2792_texto.pdf . Acesso em 10 abril. 2019.

RODRIGUES. Hélio. Biografia disponível em <https://www.baalaka.com.br/cursos/> acesso em 26/05/19.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, Investigar e Aprender**. Paz e Terra, 2012, 1. Ed.